

CAPÍTULO 10

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO: TEORIA E PRÁTICA NO SERVIÇO DE VACINAÇÃO

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 08/08/2022

Ana Vilma Leite Braga

Enfermeira. Mestre em Saúde Coletiva
Assessora Técnica e Colaboradora da Gestão
do Centro Odontológico Tipo II CEO – Joaquim
Távora/Secretaria da Saúde do Estado do
Ceará
Fortaleza – Ceará
<https://orcid.org/0000-0003-2094-0035>

Ana Débora Assis Moura

Enfermeira. Doutora em Saúde Pública
Assessora Técnica da Célula de Imunizações
(CEMUM)/Secretaria da Saúde do Estado
do Ceará e Enfermeira da Estratégia Saúde
da Família (ESF) do município de Fortaleza -
Ceará.
<https://orcid.org/0000-0003-1002-2871>

Ana Karine Borges Carneiro

Enfermeira. Especialista em Enfermagem
em Urgência e Emergência e Qualificação e
Vigilância em Saúde.
Assessora Técnica da Célula de Imunizações
(CEMUM)/Secretaria da Saúde do Estado do
Ceará
Fortaleza - Ceará
<https://orcid.org/0000-0001-8250-1949>

Nayara de Castro Costa Jereissati

Enfermeira. Mestre em Saúde Coletiva
Assessora Técnica da Célula de Imunizações
(CEMUM)/Secretaria da Saúde do Estado do
Ceará
Fortaleza - Ceará
<https://orcid.org/0000-0001-8250-1949>

Iara Holanda Nunes

Enfermeira. Especialista em Saúde da Família
Assessora Técnica da Célula de Imunizações
(CEMUM)/Secretaria da Saúde do Estado do
Ceará
Fortaleza - Ceará
<http://lattes.cnpq.br/8855791739412421>

Francisco Tarcísio Seabra Filho

Farmacêutico. Mestre em Saúde Coletiva
Gerente da Central de Armazenamento e
Distribuição de Imunobiológico/Célula de
Imunizações (CEADIM/CEMUM)/Secretaria
da Saúde do Estado do Ceará (SESA/CE).
Fortaleza - Ceará
<https://orcid.org/0000-0001-8091-3755>

Olga Maria de Alencar

Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva
Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas-
FESP
Fortaleza - Ceará
<https://orcid.org/0000-0003-2477-7503>

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Professor titular da Universidade Estadual do
Ceará (UECE), Programa de Pós-Graduação
em Saúde Coletiva
Fortaleza - Ceará
<https://orcid.org/0000-0003-4030-1206>

RESUMO: O estudo objetivou avaliar a atuação do enfermeiro inserido nos serviços de vacinação. Método: Trata-se de uma pesquisa de método misto. Foram aplicadas 18 entrevistas, e 203 questionários aos enfermeiros responsáveis pelas salas de vacinas, nos 14 municípios

selecionados do estado do Ceará. Os dados foram coletados de julho a setembro de 2018. Foram analisadas as temáticas que envolvem a teoria e prática no serviço de vacinação, assim como também a importância da educação permanente. Resultados: A assistência direta do enfermeiro nas ações de imunização ainda não é uma realidade nos serviços de saúde, devido principalmente à sobrecarga de trabalho em suas outras atribuições; a educação permanente, além das capacitações, requer atualizações frequentes sobre o assunto imunização, devido sua dinamicidade, e o profissional precisa se manter informado sobre as mudanças que a imunização sofre a cada ano. Conclusões: É indispensável uma adequação da prática profissional, permitindo reflexões e incorporação das ações de vigilância em saúde na gestão do processo de trabalho. Faz-se necessária uma lapidação no que se refere à atuação do enfermeiro nas atividades desenvolvidas nos serviços de vacinação, envolvendo a educação permanente, aprimoramento teórico e prático, e empoderamento no processo.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Imunização. Vacinação. Serviços de Saúde. Saúde da Família.

NURSE'S PERFORMANCE: THEORY AND PRACTICE IN THE VACCINATION SERVICE

ABSTRACT: The study aimed to evaluate the role of the nurse inserted in the vaccination services. Methods: This is a mixed method study. Eighteen interviews and 203 questionnaires were applied to nurses responsible for vaccination rooms in the 14 selected municipalities in the state of Ceará. Data were collected from July to September 2018. The themes involving theory and practice in the vaccination service were analyzed, as well as the importance of continuing education. Results: The direct assistance of nurses in immunization actions is not yet a reality in health services, mainly due to work overload in their other duties; permanent education, in addition to training, requires frequent updates on the subject of immunization, due to its dynamism, and the professional needs to keep informed about the changes that immunization undergoes each year. Conclusions: Adequacy of professional practice is essential, allowing reflections and incorporation of health surveillance actions in the management of the work process. It is necessary to refine the nurse's performance in the activities developed in the vaccination services, involving permanent education, theoretical and practical improvement, and empowerment in the process.

KEYWORDS: Nursing. Immunization. Vaccination. Health Services. Family Health.

1 | INTRODUÇÃO

As atividades da sala de vacinação são desenvolvidas pela equipe de saúde treinada e capacitada para os procedimentos de manuseio, conservação, preparo, administração, registro e descarte dos resíduos resultantes das ações de vacinação (BRASIL, 2014).

O profissional de enfermagem atuante nestes serviços de vacinação tem o privilégio de intervir no processo saúde-doença de forma eficiente, possibilitando ao cidadão a adoção de um comportamento saudável e participativo (ANDRADE; LORENZINI; SILVA, 2014).

Na regulamentação do exercício da enfermagem, dispõe que é função do auxiliar

de enfermagem executar tarefas referentes à conservação e aplicação de vacinas. No entanto, essas atividades só poderão ser realizadas sob supervisão, orientação e direção do enfermeiro (OLIVEIRA; GALLARDO; GOMES; PASSOS; PINTO, 2013).

Portanto, na organização da assistência de enfermagem, compete ao enfermeiro: reuniões periódicas com a equipe de enfermagem; análise dos determinantes sociais em saúde dos usuários em atraso vacinal; supervisão da reorganização da estrutura física da sala de vacinas, como limpeza, desinfecção, reorganização dos materiais permanentes da sala, controle de recursos materiais para reorganizar e oferecer a assistência de qualidade ao vacinado; agendamento de atualizações dos profissionais técnicos ou auxiliares de enfermagem responsáveis pela vacinação; preparação das avaliações teórico-práticas organizadas entre a coordenação do programa e a supervisão de enfermagem da sala de vacinas; e capacitação teórica por meio de cursos e treinamentos em serviços (TERTULIANO, 2014).

Alguns estudos ainda apontam que entre todos os profissionais envolvidos no âmbito da Estratégia de Saúde da Família (ESF), os de enfermagem são os principais responsáveis pelo gerenciamento e oferta de imunobiológicos à população adscrita, o que remete à necessidade de acompanhar o processo de trabalho nas salas de vacinas e o posicionamento destes sobre o trabalho desenvolvido (MELO; OLIVEIRA; ANDRADE, 2010).

Visto que a vacinação tem contribuído para o alcance de resultados positivos na saúde pública brasileira e que, para isso, o enfermeiro exerce um papel fundamental, objetiva-se com este estudo avaliar a atuação do enfermeiro inserido nos serviços de vacinação.

2 | MÉTODOS

O estudo é uma abordagem integrada incluindo estudo qualitativo e quantitativo, isto é, uma pesquisa de método misto.

A escolha dos municípios se deu devido à formação de docentes em sala de vacinas, uma parceria entre Secretaria da Saúde do Estado do Ceará (SESA) e Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE) em consonância com a Política Nacional de Educação Permanente, que foram incluídos no projeto de qualificação profissional em sala de vacinas, realizados pela Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE) no período de 2013 a 2016.

A princípio, existiam 2.358 salas de vacinas no Ceará (BRASIL, 2016), sendo que 16,53% (390) estariam nos 18 municípios selecionados, o que contemplaria 63,63% (14/22) das Regiões de Saúde, nas cinco Macrorregiões. No entanto, com o decorrer da aplicação da pesquisa, algumas recusas ocorreram. Dessa maneira, a amostra passou a constar com 14 municípios do estado do Ceará, com 78% (14/18) e, destes, ainda 7% (1/14) participou parcialmente respondendo os estudos quantitativos a partir do preenchimento

do instrumento.

Portanto, considerando o número de salas de vacinas atual, 2.094 (BRASIL, 2018), pôde-se contar com 9,7% (203/2.094) das salas de vacinas nos 14 municípios selecionados para a pesquisa, representando 50%(11/22) das Regiões de Saúde presentes, em 80% (4/5) das Macrorregiões do Estado.

Foi entrevistado um enfermeiro em cada município, exceto o município de Fortaleza, que por se tratar do maior município do estado e sua capital, consideraram-se seis entrevistas, uma em cada Coordenadoria Regional de Saúde (CORES). Um dos municípios não realizou a entrevista por motivo de recusa dos próprios profissionais. Portanto, totalizaram-se 18 entrevistas com os enfermeiros responsáveis pelo programa de imunizações de seus municípios, que trabalham há mais de um ano. Em relação à parte quantitativa, foram enviados questionários aos 203 enfermeiros das salas de vacinas dos 14 municípios selecionados. Foram excluídos do estudo os enfermeiros que estavam de licença saúde, férias ou afastamento por motivo pessoal.

Para manter o anonimato, os entrevistados foram identificados pela letra E, seguida da numeração de 1 a 18.

A coleta de dados foi realizada no período de julho a setembro de 2018, mediante um roteiro de entrevista sobre o perfil do enfermeiro de salas de vacinas, com o objetivo de compor a análise qualitativa; e o preenchimento de questionário, com vista a quantificar os resultados.

Foi definida a análise conforme *projeto paralelo convergente*, o nível de interação independente, que ocorreu quando os elementos quantitativos e qualitativos foram implementados de forma simultânea. Assim, os elementos tiveram igual prioridade e importância no desempenho de seus papéis diante do problema da pesquisa.

Seguindo a fase de análise dos dados, foi realizada uma escuta ativa das gravações após finalizar cada entrevista, a fim de que os pesquisadores adquirissem maior empoderamento; a transcrição das falas dos sujeitos, após escuta exaustiva; a divisão das falas em eixos temáticos; e por fim, a análise, com embasamento na literatura pertinente.

Para a organização, codificação e análise dos dados quantitativos foi utilizada a estatística descritiva, do qual consiste em um editor de planilhas com recursos e ferramentas de cálculo e de construção de tabelas e gráficos.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da ESP/CE, sendo a coleta de dados realizada somente após a sua aprovação. A pesquisa foi aprovada e teve emissão do parecer favorável e CAAE 69620217.6.0000.5037.

3 | RESULTADOS

Verificou-se um distanciamento cada vez mais forte entre o enfermeiro e a sala de vacinação, principalmente no saber/fazer.

A assistência direta do enfermeiro nas ações de imunização parece ainda não ser a realidade nos serviços de saúde, acontecendo apenas quando necessário para esclarecer dúvidas ou na falta de outro profissional. Pela formação, o enfermeiro é o profissional mais habilitado para assumir a vacinação e trabalhar com sua equipe em consonância com as ações de vigilância em saúde.

A sala de vacinas sempre foi um local receoso para os enfermeiros assumirem na estratégia saúde da família.

O que nós temos visto hoje é um mundo, em relação à vacina, como ela cresceu e com ela o processo de trabalho complicou, ficou mais complexo, a gente passa o tempo aprendendo. Se você me perguntar hoje, você se considera preparada para assumir a sala de vacina? Eu digo que não, porque você não tem tempo de adquirir experiência, porque eu só tenho uma supervisão, eu não estou o dia a dia lá dentro. Às vezes cria uma barreira (E 13).

Antigamente eu sabia de cor o calendário, mas aí como aumentou muito (// quantidade de vacinas) e eu saí um pouco mais da sala de vacinas para atender pré-natal, puericultura, os programas, não dá tempo de fazer tudo, mas eventualmente eu vou lá [...] está tudo bem? Está acertando para digitar no sistema? É muito boa minha técnica, minha sorte é essa. [...] meu contato é esse, eventualmente, se ela faltar por alguma coisa e tiver àquela possibilidade de eu fazer àquela vacina, eu vou lá na geladeira, faço, confiro no calendário que é pregadinho lá, que eu não estou mais com ele memorizado na cabeça [...] (E 07).

Um dos conhecimentos relacionados ao cotidiano da sala de vacinação, dos quais foram avaliados durante a pesquisa, estão à observação do prazo de validade das seringas e agulhas, tempo de validade após abertura do frasco e descarte adequado dos resíduos gerados nestes serviços de saúde.

Diante disso, 96,6% (196/203) dos enfermeiros afirmaram observar o prazo de validade e 3,4% (7/203) afirmaram não realizar esta tarefa; 100% (203/203) conhecem a validade após abertura do frasco de acordo com o imunobiológico e o laboratório produtor; e 78,8% (160/203) afirmaram realizar corretamente o descarte dos imunobiológicos, enquanto que 21,2% (43/203) não realizam o descarte de maneira adequada (Gráfico 1).

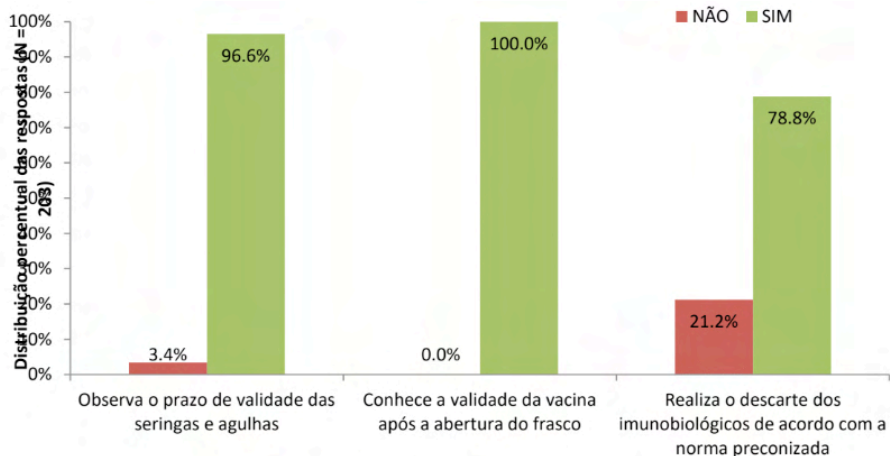


Gráfico 1 - Cotidiano das salas de vacinação (N =203), Ceará, 2018

Nos discursos dos enfermeiros foi evidenciada a questão marcante sobre a falta de tempo para o desenvolvimento das ações de imunizações em razão da sobrecarga de trabalho nas UBS (FERREIRA; PÉRICO; DIAS, 2018).

É uma sobrecarga muito grande, porque o enfermeiro não faz só isso, toma conta de toda a unidade (E 08).

Gostaria de ter mais tempo disponível para atuar mais. [...] ver todos os cartões espelho, ver todos os usuários que precisam dessas vacinas [...] uma das coisas que é importante demais, né? (E 12).

Dependendo da demanda a gente nem sempre consegue atingir àquele lado realmente de que a gente se planeja [...] existem situações que a gente planeja uma supervisão mais demorada ou até mesmo um tempo maior na sala de vacinas para ver o dia a dia, e às vezes, não é possível, porque existem outras atribuições que o enfermeiro também está responsável dentro da Unidade. Mas existe uma rotina onde pelo menos uma vez por semana a gente passa lá um bom período com o técnico de enfermagem para ver se as coisas estão realmente andando como é para ser (E 02).

Contribuindo com essa temática, acrescenta-se que esse fato pode prejudicar a qualidade da assistência prestada à comunidade, considerando que os técnicos de enfermagem estão sendo responsáveis diretos pela prestação dos serviços no PNI, como a aplicação de vacinas, organização da sala de vacinas e outras atividades de cunho essencialmente técnico, mas que exigem um conhecimento científico apropriado (MARINELLI; CARVALHO; ARAÚJO, 2015).

Na realidade, quem é responsável e quem faz tudo na sala de vacinas é o próprio técnico. O enfermeiro está lá de fachada, a realidade é essa [...] e isso é uma coisa que, enquanto tiver dando certo, maravilhoso, mas na hora que der bronca, você (//enfermeiro) responde por uma coisa que, eu acho que às vezes, a gente é até conivente, e está sendo irresponsável por não está ali direto olhando o que está acontecendo (E 13).

O grande problema é esse, o tempo [...] se a gente tivesse um tempo disponível para realmente estar na sala de vacinas seria o ideal. Não dá, não adianta você colocar duas ou três horas semanais para a sala de vacinas, não dá para realmente desenvolver um trabalho que tem que ser desenvolvido, nossa agenda é realmente muito cheia. (E 17)

Para constatar esse fato, pôde-se observar que 98,0% (199/203) dos enfermeiros não trabalham exclusivamente nas salas de vacinas e apenas 2,0% (4/203) afirmaram trabalho exclusivo. Outro aspecto abordado foi se esses profissionais trabalham em outro lugar, além daquela UBS. Desta forma, os questionários indicam que 73,4% (149/203) não trabalham em outros locais e 26,6% (54/203) indicam que sim.

A alta demanda na UBS e, conseqüentemente, a dificuldade de atribuir as responsabilidades nas salas de vacinação, mais de 80% das respostas dos questionários indicaram que os enfermeiros possuem carga horária de trabalho de 40 horas. Os demais entrevistados, informaram uma carga horária de 32 horas, com 5,4% (11/203), de 30 horas com 3% (6/203), e 20 horas, com 3,9% (8/203) (Gráfico 2).

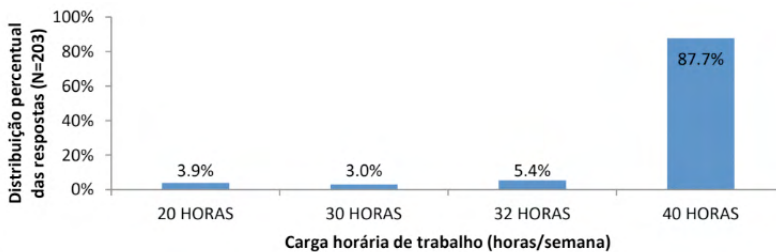


Gráfico 2 - Cargas horárias de trabalho dos enfermeiros (N =203), Ceará, 2018

Surge uma preocupação muito grande com a temática educação permanente, evidenciando a real necessidade de aprendizagem e as necessidades do trabalho da equipe de enfermagem no serviço de vacinação, de estarem preparados para assumir as ações de imunização.

Preciso de mais atualizações, tanto para mim como para os técnicos de enfermagem, para melhorar, para reforçar, para poder fazer isso, tem que ter um conjunto, que não seria só eu e as técnicas que estão lá presentes, mas seria na verdade, todos os envolvidos na Unidade de Saúde para podermos fazer esse trabalho. (E 15)

Eu posso dizer que a falta de profissional específico na sala de vacina, a falta da capacitação ou aperfeiçoamento dos profissionais, já que há muito tempo não se tem. O fato, também, de alguns profissionais não se sentirem seguros por conta da ampliação da oferta dos imunobiológicos e haver muitas novidades no esquema vacinal. (E 06)

É um setor que está sempre permeado por novidades e as profissionais que estão lá sempre tem que estar se atualizando, e essa informação tem que vir

de algum lugar, como responsável pela prática dos profissionais técnicos, eu acho que teria que ter uma frequência maior principalmente para que os processos de educação permanente acontecessem com mais efetividade (E 14)

Diante do exposto e do relatado pelos enfermeiros, foi possível verificar a influência da capacitação em sala de vacinas na preparação do profissional, assim como também a necessidade iminente de atualizações em serviço. A partir das análises realizadas, verificou-se que o profissional que tem mais tempo de atuação nas UBS possui mais capacitações, o que pressupõe que o profissional de saúde que tem menos de seis anos de atuação na UBS pode não ter recebido nenhuma capacitação (Gráfico 3).

A educação permanente, além das capacitações, requer atualizações frequentes sobre o assunto, devido à temática referente à vacinação ser dinâmica, o profissional precisa se manter informado sobre as mudanças que ocorrem frequentemente na imunização. Desta maneira, 64,0% (130/203) dos profissionais afirmaram aguardar que a instituição envie os informes técnicos, o que representou o meio mais utilizado para permanecerem atualizados (Gráfico 4).

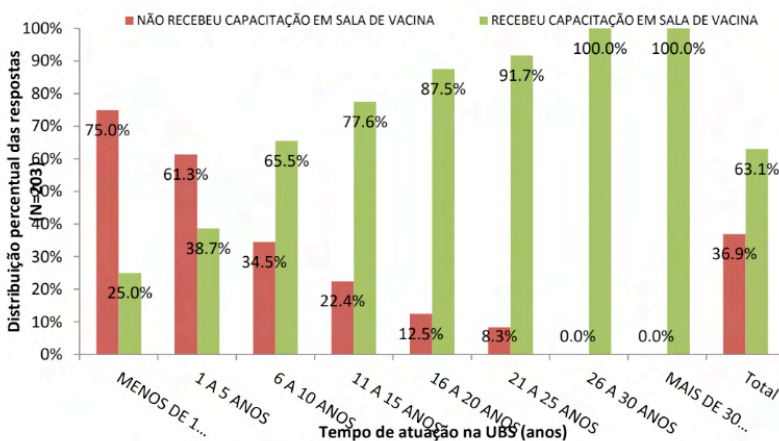


Gráfico 3 - Capacitação em sala de vacina, por tempo de atuação na UBS (N =203), Ceará, 2018

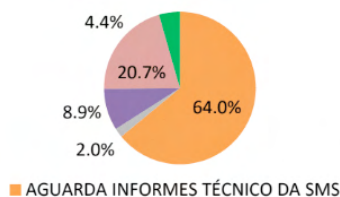


Gráfico 4 - Distribuição percentual dos meios de utilizados pelos enfermeiros para atualizações e capacitações (N =203), Ceará, 2018

4 | DISCUSSÃO

A enfermagem é uma prática profissional socialmente relevante, historicamente determinada e faz parte de um processo coletivo de trabalho com o objetivo de produzir ações de saúde por meio de um saber específico, articulado e integrado com os demais membros da equipe no contexto político social do setor saúde (FERREIRA; PÉRICO; DIAS, 2018).

As atividades da sala de vacinação são desenvolvidas pela equipe de enfermagem, e essa equipe também participa da compreensão da situação epidemiológica da área de abrangência na qual o serviço de vacinação está inserido (BRASIL, 2014).

A introdução de novos imunobiológicos e modificações frequentes no calendário vacinal, bem como, a modernização dos equipamentos de refrigeração em sala de vacinação exigem dos profissionais a obtenção de conhecimentos específicos, contínua atualização dos saberes e um perfil de profissional mais aberto com capacidade de adaptação às mudanças, instrumentalizado e motivado a continuar aprendendo ao longo de sua vida profissional. Entende-se que esse desconhecimento dos trabalhadores em sala de vacinação pode estar relacionado à falta de atualização desses saberes (ANDRADE; LORENZINI; SILVA, 2014).

Torna-se imprescindível a atualização constante dos profissionais de sala de vacina por meio de um processo de formação contínua que contemple habilidades técnicas e desenvolvimento de potencialidades no mundo do trabalho que se faz necessário em decorrência da crescente acumulação de conhecimentos (OLIVEIRA; GALLARDO; ARCÊNCIO; GONTIJO; PINTO, 2014).

O cotidiano do enfermeiro da Atenção Básica (AB) é marcado pelo conflito de responsabilidades. Responsabiliza-se pelo conjunto de atividades que compõem a dinâmica de funcionamento do serviço de saúde. O enfermeiro tem suas atividades cada vez mais direcionadas para procedimentos vinculados à organização do serviço, supervisão das atividades e cuidados desenvolvidos pelos membros da equipe de enfermagem (FERREIRA; PÉRICO; DIAS, 2018).

A Política Nacional de Educação Permanente em Saúde constitui uma ação estratégica que visa transformar e qualificar a atenção à saúde, os processos formativos, as práticas pedagógicas e de saúde, além de incentivar a organização das ações e dos serviços. A consolidação e o aprimoramento da atenção básica como importante reorientadora do modelo de atenção à saúde no Brasil requerem um saber e um fazer em educação permanente que sejam encarnados na prática concreta dos serviços de saúde e deve ser constitutiva, portanto, das qualificações das práticas de cuidado, gestão e participação popular (BRASIL, 2012).

Deve embasar-se num processo pedagógico que contemple desde a aquisição/atualização de conhecimentos e habilidades até o aprendizado que parte dos problemas

e desafios enfrentados no processo de trabalho, envolvendo práticas que possam ser definidas por múltiplos fatores e que considerem elementos que façam sentido para os atores envolvidos (aprendizagem significativa) (BRASIL, 2012).

Embora reconheçam a importância do saber-fazer e da necessidade de manter a educação permanente nestes serviços de vacinação, os enfermeiros relataram alguns motivos pelo qual não conseguem desempenhar tais responsabilidades (ANDRADE; LORENZINI; SILVA, 2014), (FERREIRA; PÉRICO; DIAS, 2018).

São comuns nos discursos dos enfermeiros, além da sobrecarga de trabalho em razão da falta de tempo para se dedicar à sala de vacinação, a questão de passar a responsabilidade para o técnico de enfermagem, quando na verdade, na atenção básica a responsabilidade técnica do serviço de vacinação é do enfermeiro, no entanto, é importante também conhecer em que condições de trabalho esses profissionais são submetidos.

A inadequação das condições de trabalho, como o seu excesso, dificulta ou impede o cumprimento dos propósitos da assistência, como a integralidade e promoção da saúde. Concomitantemente, ao aumento da demanda de usuários por procura de atendimento, os profissionais têm que lidar com entraves que impedem ou dificultam a realização do atendimento. O desempenho do exercício laboral nessas referidas condições, além de acarretar uma limitação das atividades, pode esclarecer tanto o adoecimento dos profissionais, como comprometer a qualidade da assistência oferecida (BRACARENSE; COSTA; DUARTE; FERREIRA; SIMÕES, 2015).

Estudo aponta que, estando distante das atividades da sala de vacina, o enfermeiro não consegue visualizar as demandas de educação permanente de sua equipe de trabalho, e o afastamento dessas ações de cuidado é uma das consequências do acúmulo de suas funções e responsabilidades, o que compromete o planejamento do cuidado, da supervisão e da orientação da equipe na perspectiva do acompanhamento e educação permanente (ANDRADE; LORENZINI; SILVA, 2014).

Os serviços de saúde possuem altas demandas e muitos programas a serem cumpridos pelos profissionais, principalmente os enfermeiros que, muitas vezes, devido à escassez de recursos humanos, precisam executar diversas atividades e não dispõe de tempo para atuar exclusivamente em sala de vacinas (MARTINS; ALEXANDRE; OLIVEIRA; VIEGAS, 2018).

A cobrança que se impõe aos enfermeiros não é proporcional às condições de trabalho que lhes são dadas, para responder com qualidade às prerrogativas da saúde da família e ao atendimento da demanda espontânea, observando-se a vivência de situações conflituosas nas tomadas de decisões, pois reconhecem que alguma atividade terá que ser negligenciada, em geral suas atribuições específicas, para que outra seja realizada, ocasionando sentimento de frustração e de dúvida quanto ao seu desempenho na AB (FERREIRA; PÉRICO; DIAS, 2018).

Os procedimentos realizados na sala de vacinação devem ser desenvolvidos por uma

equipe de enfermagem treinada e capacitada. Ressalta-se o papel relevante do enfermeiro como supervisor técnico nas salas de vacinação e sua contribuição na organização do serviço de imunização, educação permanente do pessoal de enfermagem, vigilância epidemiológica, dentre outros (TRINDADE; RESENDE; SOUZA; DIAS; CALSAVARA; FRANCO; SOUZA, 2019).

5 | CONCLUSÕES

Faz-se necessária uma aproximação maior do enfermeiro para uma atuação mais efetiva nas ações de imunização no sentido de se apropriar do seu papel relevante na equipe de saúde no serviço de vacinação, realizando análises que subsidiem o planejamento, estabelecendo prioridades e estratégias, monitoramento e avaliação das ações de imunização.

A prática de vacinação envolve aspectos científicos e técnico-operacionais que dizem respeito aos agentes imunizantes e a pessoa a ser imunizada. Para tanto, é necessário que a equipe de vacinação esteja ciente desses aspectos, para que possa assumir decisões em diferentes situações previstas nas normas do Programa Nacional de Imunizações. Portanto, é de fundamental importância um saber e um fazer em educação permanente que sejam incorporados na prática dos serviços para os trabalhadores de saúde.

No âmbito das capacitações, a educação continuada e permanente é considerada necessária para a equipe de vacinação. O estudo identificou que não tem sido realizada com periodicidade, o que leva à insegurança e à perda da padronização dos procedimentos. Enfatizando, assim, a importância da supervisão sobre as atividades de vacinação de rotina, em que observou-se escassez dessa ação, permitindo que o processo de trabalho se torne frágil.

Na perspectiva da integralidade e da garantia da atenção à saúde da população, faz-se necessária uma adequação da prática profissional, permitindo reflexões e incorporação das ações de vigilância em saúde na gestão do processo de trabalho. Caberia uma discussão e pactuação em nível de comissão intergestores bipartite (CIB) para normatizar a conduta de inserção dos enfermeiros nos serviços de vacinação, no sentido de preconizar cursos de implementação em salas de vacinas, validado por órgão competente, como pré-requisito para se trabalhar em sala de vacinas.

Dessa forma, é necessária uma lapidação no que se refere à atuação do enfermeiro nas atividades desenvolvidas nos serviços de vacinação, envolvendo a educação permanente, aprimoramento teórico e prático, e principalmente, empoderamento no processo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, D. R. S.; LORENZINI, E.; SILVA, E.F. CONHECIMENTO DE MÃES SOBRE O CALENDÁRIO DE VACINAÇÃO E FATORES QUE LEVAM AO ATRASO VACINAL INFANTIL **Cogitare Enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 94-100, 2014.
- BRACARENSE, C. F.; COSTA, N. S.; DUARTE, J. M. G.; FERREIRA, M. B. G.; SIMÕES, A. L. A. Qualidade de vida no trabalho: discurso dos profissionais da Estratégia Saúde da Família. **Escola Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 19, n. 4, p. 542-548, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Manual de Normas e Procedimentos para Vacinação**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações**, 2016. Disponível em: < sipni.datasus.gov.br > Acesso em: 20 abr. 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações**, 2018. Disponível em: < sipni.datasus.gov.br > Acesso: 18 nov. 2018.
- FERREIRA, S. R. S.; PÉRICO, L. A. D.; DIAS, V. R. F. G. A complexidade do trabalho do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v.71, supl.1, p.752-757, 2018.
- MARINELLI, N. P.; CARVALHO, K. M.; ARAÚJO, T. M. E. Conhecimento dos profissionais de enfermagem em sala de vacina: análise da produção científica. **Rev Univap on-line**, v. 21, n. 38, p. 26-35, 2015.
- MARTINS, J. R. T.; ALEXANDRE, B. G. P.; OLIVEIRA, V. C.; VIEGAS, S. M. F. Educação permanente em sala de vacina: qual a realidade? **Rev Bras Enferm**, v. 71, supl. 1, p. 715-724, 2018.
- MELO, G. K. M.; OLIVEIRA, J. V.; ANDRADE, M. S. Aspectos relacionados à conservação de vacina nas unidades básicas de saúde da cidade do Recife – Pernambuco. **Epidemiol Serv Saúde**, v.19, n.1, p. 25-32, 2010.
- OLIVEIRA, V. C.; GALLARDO, M. D. P. S.; ARCÊNCIO, R. A.; GONTIJO, T. L.; PINTO, I. C. Avaliação da qualidade de conservação de vacinas na atenção primária à saúde. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 19, n. 9, p. 3889-3898, 2014.
- OLIVEIRA, V. C.; GALLARDO, M. D. P. S.; GOMES, T. S.; PASSOS, L. M. R.; PINTO, I. C. Supervisão de Enfermagem em Sala de Vacina: a percepção do Enfermeiro. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 22, n. 4, p. 1015 - 1021, 2013.
- TERTULIANO, G. C. Repensando a Prática de Enfermagem na Sala de Vacinação. In: MOSTRA CIENTÍFICA DO CESUCA, 8. 2014, Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande do Sul: CESUMA, 2014. p. 368-375.

TRINDADE, A. A.; RESENDE, M. A.; SOUZA, G.; DIAS, R. A.; CALSAVARA, R. A.; FRANCO, B. C.; SOUZA, G. C. As implicações práticas do enfermeiro em saúde da família: um olhar sobre a sala de imunizações. **REAS/EJCH**, sup. 19, e263, p. 1-9, 2019.